

DOM SEBASTIÃO: DO MITO PORTUGUES A ADORAÇÃO MARANHENSE

Rayan Santos Dominici.

Valquíria Martins.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Ferretti.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a vida e morte de Dom Sebastião destacando o contexto e os fatores que propiciaram a transposição do movimento sebastianista, que originalmente era português, para o Maranhão onde aparece em vários aspectos da cultura e da religião afro-brasileira. Aqui buscaremos compreender como um Rei, que tradicionalmente era católico, e que teria morrido na batalha de Alcácer-Quibir lutando contra os mouros nas Cruzadas reaparece na Ilha dos Lençóis como um touro encantado, sendo ainda, uma entidade incorporada nas casas de culto.

Palavras-chave: Cultura. Religião. Sebastianismo.

1-INTRODUÇÃO

D. Sebastião, filho de D. João e D. Joana e neto de D. João III, nasceu no dia 20 de janeiro de 1554 e logo tornou-se órfão de pai. Este príncipe era o herdeiro direto do trono e de uma linhagem de reis que demonstravam um profundo sentimento de coragem para buscar desbravar os territórios que fossem importantes para o império português.

D. Sebastião nascera no período das Cruzadas e logicamente esperava-se que ele desse continuidade as invasões e expedições marítimas já iniciadas por seus antecessores. Essas operações tinham como objetivo a aquisição de novas terras, especiarias e ouro, ou seja, tudo o que pudesse ser importante para a ampliação do tesouro português. As cruzadas eram ainda, difundidas e ressignificadas como uma forma de resgatar as almas perdidas pelo mundo e levá-las para o reino de Deus através da incorporação de novos fiéis ao cristianismo.

A base do mito sebastianista é o messianismo judaico que pressupõe a vinda de um messias em um momento de crise, ou seja, justamente o que estava acontecendo em Portugal que temia a anexação ao reino de Castela e os problemas enfrentados pelo Maranhão de cunho político e econômico.

De acordo com Boxer (2002), o a base do mito sebastianista inicia-se com o próprio nascimento de D. Sebastião, rei herdeiro do trono português, a saber:

D. Sebastião recebera o cognome de “o desejado” ainda quando estava no ventre de sua mãe. O pai morrera dias antes de seu nascimento, e todos os nove filhos de D. João III haviam morrido sem deixar herdeiros legítimos, logo, a única esperança de salvar Portugal de uma eventual sucessão castelhana era uma criança do sexo masculino, desta forma, Dom Sebastião era um rei que tinha sido pedido a Deus com tantas lágrimas, peregrinações, procissões e esmolas, que seu nascimento fora marcado por grandes manifestações de júbilo popular. (BOXER, 2002, p. 379)

A exemplo disso percebemos podemos destacar o poema de Fernando Pessoa:

“Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-se sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucaristia nova.

Mestre de Paz ergue teu gládio unguido,
Excalibur do Fim, em jeito tal
Que sua luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!
Os símbolos.”

(Mensagem. Fernando Pessoa; Terceira Parte - O ENCOBERTO)

Esse poema mostra que devido representar e esperança para o povo português, D. Sebastião adquiriu um forte caráter messiânico, pois:

A História de um povo que espera pela chegada de um salvador, seja ele um herói, seja ele um líder espiritual, é um dos fenômenos sociais mais antigos e constantes na história da humanidade. (MEGIANE, 2003. p.32)

Acredita-se que o messianismo português tenha raízes anteriores ao século XVI, desta forma, o sebastianismo foi a exteriorização da mentalidade do português dentro de suas crenças no apocalipse e em sua predestinação como povo escolhido por Deus. O messianismo alia-se aos aspectos milenaristas a partir da idéia de que após a vitória do rei, o mundo viveria mil anos de felicidade antes do juízo final. Estas tendências messiânicas são visíveis nas diversas classes e fenômenos sociais e políticos, tendo em vista a necessidade geral do povo português de acreditar em um milagre futuro.

Ainda pequeno D. Sebastião foi instruído pelos jesuítas portugueses a ser uma espécie de ídolo para o povo que tanto necessitava de uma figura carismática com quem se identificassem e respeitassem; para tanto, foi um leitor assíduo das diversas histórias de heróis corajosos e destemidos que circulavam em sua época, na perspectiva de que um dia seria um

deles. E foi com esse sentimento que, no dia 25 de junho de 1578, partiu D. Sebastião, com o desejo de invadir o Marrocos e conquistar Alcácer Quibir, um estratégico ponto de batalha. No entanto, rodeou-se de um grupo de pessoas despreparadas, e, segundo Boxer (2002), “mais bem vestidas que armadas”, relata-se que a preparação para a batalha mais parecia dirigir-se a uma festa do que a um combate, pois o rei convocou toda a nobreza com seus melhores uniformes, insígnias, medalhas e condecorações, chegando até a levar a coroa real, o resultado foi uma derrota catastrófica com a morte do mesmo e a perda de grande quantidade de objetos e utensílios que representavam a soberania do governo português que perdeu inclusive, sua coroa, principal símbolo do poder do rei. A partir daí, muitos mitos surgiram a cerca do paradeiro de D. Sebastião, pois seu corpo jamais fora oficialmente encontrado.

Braga (2001) nos lembra:

Dom Sebastião, ao ver que seus soldados recuavam, arremeteu-se temerariamente contra a cavalaria árabe, vindo a perecer no campo de batalha, juntamente com alguns membros da nobreza portuguesa e os bispos de Coimbra e do Porto. O corpo de Dom Sebastião foi recolhido pelos árabes e entregue ao governador português de Ceuta, em 10 de dezembro de 1578, o que não impediu, todavia, que florescesse a lenda segundo a qual o rei se havia salvo, vivendo oculto e penitente. (BRAGA, 2001 p. 23)

O sebastianismo foi um movimento messiânico ocorrido em Portugal na segunda metade do século XVI. A morte do rei representou não apenas a perda de um soberano, mas um forte abalo a todo um “sentimento de portugalidade¹”. Do ponto de vista histórico, essa derrota gerou a perda de navios, armas, vestes luxuosas, condecorações e tudo que caracterizava o esplendor da coroa portuguesa. Sendo assim, o sebastianismo foi uma crença na qual o povo português se apegou de tal maneira que o rei “desaparecido” chegou a fazer devotos que passaram a acreditar no seu retorno e principalmente, em seus milagres vindouros.

O mito é oriundo de uma poética coletiva e visa demonstrar a inquietação do homem diante do contexto do qual ele pertence, tendo como objetivo, segundo Lévi Strauss em seu texto *Antropologia Estrutural*, resolver uma contradição. Para Braga (2001):

A palavra mito significa, em grego, “narrativa”; e o vocábulo latino *legenda* (lenda) quer dizer, exatamente, “destinado para ser lido”. Com efeito, todo mito é uma leitura do real. E cada classe social veicula seu sistema de narração. Nesse sentido a ideologia é esse grupo de narrações abstratas que uma dada sociedade dá de si, mascarando-se: “O nível narrativo e ideológico não é senão a superfície, ou a aparência, do que é produzido a um nível mais profundo ou mais real”, como afirma Jean Pierre Faye. (BRAGA, 2001, p.14)

¹ De acordo com Boxer (2002), o sentimento no qual os portugueses acreditavam que eram o povo escolhido por Deus para difundir os ideais católicos e expandir-se pelo mundo.

Diante disto, é de suma importância à análise de todo um contexto pelo qual a sociedade maranhense passava naquele período para entendermos os motivos que propiciaram a apropriação da crença sebastianista em terras maranhenses.

Acredita-se que no Maranhão, a crença no Sebastianismo é resultado da combinação de cinco fatores principais:

- O messianismo português;
- A figura do Padre Antônio Vieira;
- A situação econômica e a colonização do Maranhão;
- A semelhança geográfica entre Alcácer Quibir e a Ilha dos Lençóis no Maranhão;

Para o português, em épocas de paz, o messias (o rei Sebastião) resguardava-se em locais distantes e desertos como, por exemplo, em ilhas. E em tempos de crise era reinserido na mentalidade do povo. Tempos estes, freqüentemente observados no Maranhão em decorrência de uma colonização exploradora tida como uma das principais responsáveis pelos problemas econômicos enfrentados pelo estado ao longo dos anos. Esse contexto tornou-se propício para o surgimento de grandes oradores, a exemplo do Padre Antônio Vieira que possuía grande credibilidade junto a elite e ao povo e que era para este, como a voz de Deus em terras maranhenses². Como se não bastasse à carga ideológica, a semelhança geográfica do deserto marroquino com a Ilha dos Lençóis facilitou a difusão do mito sebastianista. Para os incrédulos, apenas uma grande coincidência, porém para os crentes, mais uma prova da veracidade da existência do messias português.

1.1- Na ilha dos Lençóis

A Ilha dos Lençóis, localizada no extremo oeste do estado do Maranhão, é reconhecida como a habitação do rei Sebastião, que teria lá chegado após desaparecer na batalha no Marrocos. Contam os habitantes, que o rei vaga pela praia por pelo menos duas datas, 24 de junho e 4 de agosto. No dia 24 de junho, data consagrada a São João, exatamente á meia noite, transforma-se num touro negro reluzente, lançando fogo pelas narinas e com uma estrela brilhante no meio da testa. No dia 04 de agosto, data da batalha de Alcácer Quibir, aparece à noite em sua nau (navegação) vestido luxuosamente, caminha pela praia a espera de seu desencanto.

² Termo cunhado de Liberman (1983).

Após a morte de D. Sebastião, devido seu corpo não ter sido encontrado, começaram a surgir rumores de que ele estaria resguardado em uma ilha a espera do momento oportuno para reaparecer e livrar o povo de todas as mazelas a que estavam submetidos. Além desses rumores surgiram ainda, lendas que tiveram a aceitação de muitos crédulos que defendiam que o rei voltaria a terra para livrar o povo português do domínio espanhol.

Diante dessa lenda que surgira em Poutugal e se espalhou para várias partes do Brasil. No Maranhão, mais precisamente na Ilha dos Lençóis localizada no arquipélago de Maiaú, litoral da cidade de Cururupu (lado ocidental de São Luís). Segundo a lenda popular na Ilha dos Lençóis D. Sebastião mora num palácio de cristal que se ergue no fundo do mar próximo a ilha, mas não consegue sair de lá, além disso, aparece na Ilha na forma de um touro encantado que está a espera de que algum corajoso liberte-o de seu encantamento que só será desfeito se essa pessoa atingir com uma pancada a estrela que o touro carrega na testa, dessa estrela jorrará sangue e o rei retornará a sua figura humana e restabelecerá seu reino que está imerso abaixo da Ilha.

Muitos turistas comentam que ao visitar a ilha não se pode levar nada dela, pois caso contrário a embarcação que faz o transporte dos mesmos não consegue completar o caminho de volta. Os visitantes relatam que ao caminhar pelas praias encontram alguns objetos como pentes, broches e outros utensílios que segundo a lenda, seriam do navio que lavara a corte portuguesa para a batalha.

Vale destacar, que a Ilha dos Lençóis não deve ser confundida com os Lençóis Maranhense, pois são lugares totalmente distintos. Os Lençóis Maranhenses é uma área que compreende o parque nacional situado a leste da ilha de São Luís. Já a Ilha dos Lençóis a que estamos nos referindo é uma ilha localizada no lado oeste em relação á capital São Luís.

1.2- Na cultura maranhense:

Ferretti (2001) nos lembra que: “No Maranhão, elementos da crença sebastianista são encontrados no catolicismo popular, na umbanda³, no tambor de mina⁴, na cura ou pajelança⁵”. (FERRETTI, S 2001, p. 2)

³ Umbanda é uma das religiões afro-brasileiras mais difundidas no Brasil. No Maranhão, se diz misturada com outras religiões afro-brasileiras. (FERRETTI, S 2001, p. 2)

⁴ Tambor de Mina é um dos nomes da religião de origem africana no Maranhão e na Amazônia. (FERRETTI, S 2001, p. 2)

⁵ Cura ou pajelança são nomes conhecidos, no Maranhão e na Amazônia, da religião popular que inclui elementos ameríndios e afro-brasileiros. (FERRETTI, S 2001, p. 2)

No catolicismo popular observamos a forte crença a São Sebastião que é conhecido por ser o santo protetor contra doenças contagiosas como epidemias relacionadas à peste, fome e guerra. Vale destacar, que Dom Sebastião e São Sebastião são personalidades distintas, o Dom é o nobre português e o santo foi um comandante do exército do Imperador Diocleciano, o responsável por um período de grande perseguição aos cristãos em Roma por volta do ano 300. O oficial Sebastião teria se negado a perseguir os cristãos tendo como castigo ter sido alvejado com flechas, mesmo conseguindo se curar, este foi condenado á morte. Nas casas de culto afro no Maranhão o nobre costuma ser sincretizado como Santo.

De acordo com Ferretti (2001), o ritual na Casa das Minas consiste em:

Na Casa das Minas, os tambores batem nos dias 19, 20 e 21 de janeiro. No dia 19, antes do toque, canta-se a ladainha e ocorre a cerimônia de queimação das palhinhas do presépio⁶. No dia 20, pela manhã, os participantes assistem à missa de louvor a São Sebastião e, no fim da tarde, quando há pagamento de promessas, é realizado o banquete de cachorros⁷, seguido de distribuição ritual de alimentos de “obrigação”, com pedidos de saúde. À noite, há toque dos tambores precedido por ladainha e jantar. No dia 21, continuam os toques de tambor. Esse tipo de ritual, com pequenas variações, realiza-se em diversos terreiros de tambor de mina no Maranhão. (FERRETTI, S 2001, p. 4)

Já na cura ou pajelança que possui origem ameríndia, Ferretti, S. (2001) comenta:

As entidades sobrenaturais no Maranhão e na Amazônia são também denominadas de encantados⁸, pois vivem num mundo ou reino especial: a encantaria. Entre essas destaca-se a Encantaria de Dom Sebastião, nome do Reino Encantado de El Rei Dom Sebastião e de sua corte. Nos terreiros de cura e de mina existe a tradição de culto á família de Dom Sebastião, que inclui entidades como princesa Ina, a princesa Jandira, Sebastiãozinho e outros. (FERRETTI, S. 2001, p. 2)

Dessa forma, ao longo deste trabalho pretendemos abordar a construção da identidade de D. Sebastião e do mito sebástico enquanto figura presente em terreiros e casas de encantaria por todo o estado do Maranhão. Vale destacar ainda que a própria vida deste rei tornou possível o encantamento que o envolve mesmo séculos após sua misteriosa morte, em combate contra os mouros.

⁶ Ritual do catolicismo popular no qual se queimam as palhas do presépio. Na ocasião se oferece uma mesa de doces, desmancha-se o presépio e são escolhidos os padrinhos para a próxima festa. (FERRETTI, 2001, p. 4)

⁷ Forma de pagamento de promessa a São Lázaro. Consiste numa mesa com alimentos, arrumada no chão, em que são servidos determinado número de cachorros e crianças. Nos terreiros, costumam ser acompanhados por três dias de festas com missa, ladainhas, oferecimento de alimentos rituais e toque de tambores. (FERRETTI, S. 2001, p. 2)

⁸ Mundicarmo Ferretti informa que: “refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos ou sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extra-sensorial.” (FERRETTI, M, 2000, p. 15 APUD FERRETTI, S, 2001, p. 5)

2- Visita à Tenda de Umbanda Rei Dom Sebastião

A Tenda de Umbanda Rei Dom Sebastião, localizada no bairro do Campo Velho na cidade de Chapadinha, foi fundada em 1986 pelo Babalorixá Antônio José Silva (62 anos) hoje, presidente da Federação Umbandista do Baixo Parnaíba e professor do magistério na Escola Paulo Ramos.

Nos dias 18, 19 e 20 de janeiro ocorreram as festividades em homenagem a Oxóssi e ao guia espiritual da casa o Rei Dom Sebastião. Fomos com os professores Sergio e Mundicarmo Ferretti e com Jandyr Gonçalvez, técnico da SECMA, assistir aos rituais deste terreiro na cidade de Chapadinha, localizada a cerca de 200 kms de São Luís.

Conforme o programa das festividades, no dia 18 houve o arreamento das correntes espirituais e a comemoração dos 26 anos de fundação da casa, no dia 19 a Tenda promoveu um momento de curas e bênçãos num ritual intitulado “Noitada á Oxóssi” (São Sebastião). Para o dia 20 estava programada “recepção e homenagem ao Rei Sebastião que desta vez se apresentaria materializado”.

Chegamos à cidade no dia 20 de janeiro, por volta das 13:00 horas, e logo nos dirigimos á Tenda onde fomos recebidos pelo Sr. Eduvaldo Fernandes, responsável pela organização da festa, que estava proferindo instruções aos participantes de como deveria ocorrer a “materialização⁹” de Dom Sebastião e de como estes deveriam se portar diante da presença do nobre.

O Sr. Eduvaldo no disse ainda, que Dom Sebastião teria baixado na última festa consagrada ao Caboclo da Mata em 2010, prevendo que o ano de 2012 seria destinado á Oxalá e por isso, um ano muito bom, “o ano do pai que abraça o filho” segundo suas palavras. O Rei demonstrara também, seu desejo de se materializar, pois anteriormente baixava, mas costumava ficar no máximo dez minutos e falar pouco, abençoando apenas os fieis que se dirigiam a ele em fila. Agora, pretenderia ir aos devotos e conversar com eles, tendo cerca de duas horas para tal. Essa materialização teria como peculiaridade o fato da entidade poder desfrutar dos sentidos e sensações humanas podendo comer e beber durante o ritual, fato que não acontece com as outras ocasiões, pois durante o período de transe o médium não costuma alimentar-se ou ir ao banheiro.

Após essa conversa, conhecemos a estrutura da Tenda que apresentava um grande salão enfeitado com tiras de tecido branco no teto com uma vela no meio. Tendo do lado direito uma imagem de Dom Sebastião posta sobre uma mesa ornamentada para o mesmo

⁹ Segundo o Sr. Eduvaldo esta materialização seria inédita pelo fato da entidade do nobre poder desfrutar das sensações humanas, inclusive podendo comer e beber, coisa que não acontecia nas festas anteriores.

com velas, flores, bebidas e um bolo. Do lado esquerdo, observamos um grande painel com a foto do Babalorixá Antônio José em frente ao altar principal. Do mesmo lado, havia um cômodo onde ficavam os tambores, sua parede do fundo tinha uma pintura com as cores da Umbanda e a parede lateral direita uma pintura feita por um artista de nome Leandro, freqüentador da casa. Ao fundo do salão havia dois altares e uma gruta no canto direito cujas pedras teriam sido trazidas nas costas do Babalorixá de uma antiga aldeia próxima. O altar principal era dividido em três prateleiras que apresentavam respectivamente imagens de Jesus Cristo (Oxalá), São Sebastião (Oxóssi) e Preto Velho. No altar secundário estavam imagens de São João, São Jorge e os gêmeos Cosme e Damião. Na gruta, que ficava no canto direito do salão havia imagens de Xangô, Santa Bárbara e Iemanjá (sob um pequeno reservatório de água). (Veja fotos em anexo)

Posteriormente, conhecemos a Casa do Caboclo da Mata, um cômodo ricamente decorado no andar superior do terreiro. As paredes estavam pintadas de verde, sendo que a principal apresentava uma pintura do Caboclo em meio à natureza tendo de um lado a bandeira da Umbanda e do outro a bandeira da Tenda do rei Sebastião. Nesse ambiente, havia cadeiras e um sofá dispostos ao redor de uma poltrona central pertencente ao Caboclo para que ele pudesse conversar e aconselhar seus devotos. Vale destacar, que esse ambiente era climatizado e possuía uma geladeira com várias caixas de cerveja, devido o gosto da entidade por bebidas e cigarro, além de uma pedra no canto da sala denominada de ponto de firmeza. Segundo o professor Ferretti o encantado vem em direção ao ponto de firmeza que apresenta uma forte energia e de lá reflete para o médium.

Depois da Casa do Caboclo da Mata, nos foi apresentada a Casa da Pomba Gira que ficava na parte térrea da Tenda e apresentava uma grande estátua com a figura de uma mulher guerreira com os seios á mostra e uma capa vermelha nas costas, ao redor desse altar havia jarros, flores e uma vela vermelha acesa na frente da imagem, no canto direito outro ponto de firmeza. As paredes desse ambiente estavam pintadas com um tom pêssego tendo em um dos cantos uma mesa cheia de taças e bebidas como vodca e cachaça. Além dos locais já mencionados observamos também uma espécie de anexo no terreiro onde, segundo o líder espiritual da casa, ficavam hospedados romeiros e pessoas que vinham de cidades distantes em busca de tratamento espiritual.

Ao fim desse primeiro contato, os presentes se dirigiram para o almoço em uma grande cozinha localizada no centro da Tenda.

À noite, retornamos a Tenda de Umbanda Rei Dom Sebastião por volta das vinte horas. Logo na entrada, iluminada por tochas, percebemos o capricho na decoração que apresentava um grande tapete vermelho que se estendia da porta ao centro do salão, além de vários paetês dourados e grãos de arroz espalhados pelo chão representando prosperidade. O Babalorixá Antônio José veio nos receber e fomos acomodados em cadeiras de frente para o altar juntamente com os demais participantes que compreendiam: homens, mulheres, crianças, idosos e pessoas oriundas de diversas cidades do interior maranhense além de uma jovem albina. Nos últimos preparativos para o início do ritual foram espalhadas gotas de perfumes de rosas pelos cantos da Tenda. As filhas-de-santo estavam posicionadas do lado esquerdo ao altar, vestidas com roupa e saias rodadas brancas e os filhos-de-santo do lado direito com roupas em tons claros.

O ritual foi iniciado com o Hino da Umbanda, tendo o Sr. Eduvaldo como uma espécie de mestre de cerimônia que teria sido escolhido pelo próprio Dom Sebastião. Sua explanação se deu de modo a orientar os presentes sobre essa inédita materialização do Rei informando que o mesmo gostaria de ser chamado de “Senhor Rei de...” e que Oxalá o teria liberado para ir ao encontro de seus devotos. Informou ainda, que havia toda uma preparação para a recepção do nobre como, por exemplo, a presença de cavaleiros e pessoas para servi-lo, além da presença da rainha, também escolhida por Dom Sebastião, D. Júlia. Falou-se também, sobre a doutrina da Umbanda e de sua fundação no dia 15 de novembro de 1908 num período em que o Brasil estava passando por um contexto de fim da escravidão e início da República, ou seja, grandes transformações no cenário nacional.

Segundo esse discurso inicial, Dom Sebastião teria ido para a Guerra em Alcácer-Quibir e lá teria percebido o quão grande era sua responsabilidade para com o povo português e suas colônias, dentre elas o Brasil. Se arrependeu com a derrota e teria vindo se refugiar em terras brasileiras, quando passou próximo à Ilha dos Lençóis teria sido atraído pela forte energia do lugar, tendo a encantaria da Ilha o absorvido juntamente com todos os seus bens. Nesse momento começam a tocar algumas músicas:

Quando o sol desponta

Nas ribanceiras da praia

Ele está quente para toda a humanidade

Sol da praia dos lençóis

Onde está tua morada

Sol da praia dos lençóis

Onde está tua morada.

O Sr. Eduvaldo pede a todos que imaginem uma energia positiva com pensamentos bons, pois um espírito não evoluído pode levar á morte do médium e outra música é cantada:

*Vá estrela mais brilhante
que ilumina este lugar
vá estrela, vá buscar
com a permissão de pai Oxalá
onde está Dom Sebastião
para nos abençoar
se está na terra
se está no mar
vá buscar estrela... vá buscar.*

Ao fim destas músicas o Babalorixá Antônio José adentra ao salão incorporado com Dom Sebastião. O “nobre” se ajoelha diante do altar para saudar as demais entidades sincretizadas nos santos católicos, cumprimenta e pede bênçãos a Oxalá para todos os presentes. Logo após, ocorre a cerimônia de coroação do Rei que recebe a coroa de sua rainha D. Júlia. O rei agradece a rainha e a convida para uma valsa dizendo que ela simboliza todas as mulheres ali presentes, pois ele gostaria de dançar com todas. Após a dança o nobre, novamente cumprimenta o altar e o público.

Dom Sebastião fala da relevância da doutrina da Umbanda para a religiosidade de um modo geral. Comenta também, sobre a importância do senso comum e das lendas, definidas por ele como uma espécie de magia perdida, pois é a partir da utilização das mesmas que a ciência encontra bases para suas análises.

Contraditoriamente, o nobre critica algumas histórias de que ele aparece na forma de um boi preto na Ilha dos Lençóis e de que não permite que embarcações saiam da Ilha levando algo de lá. Para ele, a divulgação dessas histórias não passa de fanatismo por parte de alguns devotos.

O rei se diz um espírito iluminado que deseja a paz da humanidade afirmando que aquele que deseja o mesmo deve se congregar a ele. Explica também, o porquê da necessidade de sua materialização no corpo do médium, pois, caso contrário, ele apareceria na forma de uma “assombração” que assustaria a todos que o vissem. Logo, a dita materialização restringe-se apenas a posse das sensações humanas. Convida os médiuns para que juntos conquistem a paz porque ela está próxima de todos.

O nobre afirma que “a estrada está muito longa e o tempo está muito curto”, dirige-se á mesa preparada em sua homenagem e pede permissão a Deus em nome de Jesus Cristo e do Espírito Santo para transformar o bolo em pão sagrado e o vinho em sangue de Cristo. Corta um pedaço de bolo e entrega para a rainha. Dom Sebastião diz ainda, que gostaria de aprender a ser um sacerdote, mas não o é. Convida os filhos de santo, alguns médiuns e algumas personalidades para brindar com vinho branco suave de mesa, apesar de demonstrar sua preferência por vinho tinto e seu desejo de brindar com todos que ali se encontravam. Todos bateram palmas e recomeçou a música:

*Vamos bater palmas
para o Rei Dom Sebastião.
Ele é protetor da nossa religião.
Rei Sebastião é guerreiro, é militar.
Ele já chegou para os seus filhos abençoar.*

O ritual prosseguiu com a cerimônia de Lavação dos pés do Rei que se sentou em seu trono em frente ao altar para que seus súditos à realizassem com um perfume especial e água, ao fim, deu-se continuidade aos brindes e à distribuição do bolo.

Passado algum tempo, mesmo com forte chuva, o Rei Sebastião desejou ir até o jardim que fica na entrada da Tenda, levando consigo toda uma caravana de súditos. Lá ele se abaixou, escolheu uma rosa e pediu a um de seus cavaleiros que a colhesse, pegou a flor e retornou ao salão presenteando uma senhora de nome D. Olga que ali estava.

O Rei convidou os filhos de santo e parentes do Babalorixá a se juntarem a ele. Nesse momento, começou a falar sobre a vida do Babalorixá Antônio José enaltecendo sua coragem para enfrentar as dificuldades, pois o nobre teria se manifestado no professor aos 39 anos fazendo com que sua primeira esposa pensasse que ele estava doente, mas nenhum médico conseguia explicar o ocorrido. D. Olga, diretora aposentada da escola onde o professor Antônio José leciona, proferiu um depoimento demonstrando apoio ao amigo numa ocasião em que este sofria ameaça de perder seu emprego devido ainda não possuir diploma universitário; situação essa, que foi resolvida com a obtenção de ensino superior. Após essa explanação a música continuou:

*De longe, bem longe
de Portugal ele chegou.
Ao ver a praia dos Lençóis
ali se encantou.*

*O Rei Sebastião hoje,
é rei do Maranhão.
Traz a fé em cada coração.*

Já no momento de sua despedida, Dom Sebastião anuncia a vinda do Caboclo da Mata e da Pomba Gira que viriam logo depois de sua partida e, contrariamente ao rei, que é um nobre, poderiam desfrutar da cerveja que havia no local. Agradece aos participantes e principalmente ao Sr. Eduvaldo que foi o principal responsável por planejar, organizar e executar toda a celebração, agradecendo também, ao motorista encarregado do transporte das rosas, vindas de São Luís, que decoravam o altar. Antes de sua partida, o nobre ajoelha-se e beija o chão como símbolo de humildade, por fim deseja a paz e o amor em matéria e espírito, força e poder a todos. Sua despedida foi marcada pela seguinte música:

*Em cima daquele morro
eu vi raiar o sol.
Em cima daquele morro
eu vi a praia dos Lençóis
na praia dos Lençóis
mora o Rei Sebastião.*

Quando a entidade abandona o corpo do médium este se encontra muito suado e exausto devido o grande esforço feito durante a materialização. Por um momento, parece que vai cair no chão, mas é ajudado pelos cavaleiros e recebe seus óculos pelas mãos de D. Júlia.

Como já era previsto, após a partida do nobre são cantadas músicas em homenagem a Iemanjá e o Caboclo da Mata é incorporado pelo dirigente da casa. O Caboclo reclama das roupas e dos sapatos luxuosos do rei afirmando que não estava acostumado com aquelas vestes. Pega o microfone e continua a cantar o catimbó:

*Quem é filho de Umbanda
entra na gira
entra na gira.
E vem dançar.*

Algum tempo depois, o Caboclo da Mata se retira, e várias pessoas assumem o microfone para cantar as músicas acompanhadas pelos tambores. Os filhos-de-santo começam a dançar girando num ritmo frenético e alguns deles parecem estar num estado de “quase transe”, mas não chegam a tal.

Algumas mulheres trocam as roupas brancas por vestidos de cor vermelho e preto para dar início ao toque em homenagem à pomba gira:

*1- É devagar que eu cheguei
é devagar (3X).*

*Foi agora que eu cheguei.
Eu cheguei foi devagar.*

2- O vento balanceou na mata

*A folha da jurema foi ao chão
O vento já soprou,
a folha já caiu.*

*3- Cuidado com ela
que ela é um perigo.*

*Ela é a pomba gira
mulher de sete maridos
Eu larguei o meu marido
Porque não gostava de mim.
Eu larguei minha calcinha
Lá na porta do botequim.*

4- Meu marido saiu pra passear

*deu meia noite
e ele não chegou.
Eu me zanguei e fui beber no bar.
Quando ele chegou,
Já estava com outro lá.*

Ao som destas músicas, fomos convidados a nos dirigir aos aposentos do Caboclo da Mata onde havia uma pequena fila de pessoas esperando para falar com o mesmo. O Caboclo estava sentado em uma cadeira bebendo cerveja, fumando e conversando com algumas pessoas. Ele nos contou que em 26 anos era a segunda vez que Dom Sebastião baixava na

Tenda e nunca antes, ele havia passado tanto tempo e se mostrado tão solícito para conversar com os devotos. Segundo o Caboclo, o nobre teria cansado de ser encantado, pois agora queria que seu espírito tivesse uma nova vida como Rei do Maranhão.

O Caboclo comenta ainda, que tem mais de 600 anos e nunca teria sido matéria, ou seja, nunca foi um homem, mas sim um elemento da natureza como o vento, a água, a rocha e que quando o corpo do Sr. Antônio José ficar velho, ele irá em busca de outro, pois “velho fica doente”. Menciona que o médium costuma ter alguns problemas de saúde em decorrência da quantidade excessiva do consumo de álcool e cigarros. Enfatiza também, que “caboclo não se educa, apenas se caminha com ele” no que diz respeito ao gosto pela vida boêmia. Paradoxalmente, seu espírito “teria sido educado” no centro espírita Tupiaí no Rio de Janeiro.

Para finalizar nossa conversa o encantado nos conta uma história intitulada: “Vingança de uma ex-noiva desencarnada” que retrata a história de uma mulher que teria traído seu noivo e foi abandonada por ele. A mulher virou prostituta e ficou muito doente. Em seu leito de morte teria pedido que o antigo noivo comparecesse para lhe perdoar, mas este não a perdoou. A mulher morreu e algum tempo depois, seu espírito aparecia, à noite, materializado para manter relações sexuais com o dito noivo. O rapaz foi em diversas casas espíritas e só conseguiu que o espírito da mulher descansasse após realizar rituais em sete sextas-feiras consecutivas.

2.1- Entrevista com o Sr. Eduvaldo Fernandes, responsável pela organização de festa de Dom Sebastião

1- Quando e como foi seu primeiro contato com a Tenda de Umbanda Rei Dom Sebastião?

Em 1994 eu vim de Teresina para o Maranhão e por volta do ano de 2004, quando ainda estava no seminário Franciscano, um amigo me convidou para conversar com sua mãe, Dona Francisca que era Mãe Pequena no Centro. Mesmo apresentando uma posição cética, fui conversar com esta senhora, pois eu sentia uma espécie de “inquietação espiritual, era como se eu não conseguisse me concentrar em nada, não passava nem um minuto quieto”. Nessa consulta conversei com o Caboclo da Mata que disse que o meu problema só quem poderia resolver era a Dona Gira e me encaminhou para ela. Na conversa com Dona Gira ela me disse que havia muitos espíritos me acompanhando, espíritos bons e maus, mas mesmo os bons acabavam me fazendo um certo mal porque eles não são desse mundo e por isso não devem

estar acompanhando alguém do mundo terreno. Dona Gira disse que eu teria que passar por um ritual chamado de “desligamento espiritual”.

Foi nesse ritual que eu conheci o Sr Antônio José (Babalorixá da Tenda). No dia do ritual, foi preparada uma mesa astral com sete médiuns, dentre eles o Sr Antônio e doze velas representando os apóstolos. Me sentei na mesa com os médiuns e o Sr Antônio José me disse que ia começar a fazer uma oração e ao longo dela, ia mandar eu ir me benzendo, quando ele não conseguisse mais falar ele iria apenas bater na mesa o que indicaria que eu deveria me benzer. E assim foi feito, ele batia na mesa e eu me benzia. Depois de algum tempo, os espíritos que rodeavam o meu corpo começaram a baixar nos médiuns que se contorciam. O Sr. Antonio ele me disse que não iria me dizer o nome de nenhum deles, mas eu consegui perceber quem eram pela voz e pelo modo como falavam comigo.

Depois disso comecei a sentir uma sensação de algo saindo de dentro de mim, uma energia que vinha do fim da coluna até os ombros e de lá, saía do meu corpo pelos braços. Depois disso, senti uma enorme sensação de paz e alívio. Foi-me recomendado uma espécie de resguardo após esse ritual sendo que eu deveria ficar três dias sem sexo, sete dias sem banhar em água corrente, sendo ela de mar ou rio; treze dias sem sentar de costas pra rua e sem frequentar lugares de grande aglomeração.

Depois disso me interessei em conhecer a Umbanda e me envolvi com as atividades da Tenda organizando, naquele ano, a festa e Dona Gira.

2- Além da festa de 20 de janeiro, há outras festas para Dom Sebastião? Quais e quando?

A principal festa para Dom Sebastião é a do dia 20 e ao longo do ano não há outra. Mas em todas as festas que acontecem na casa para outras entidades o Dom Sebastião vem e dá as boas vindas aos participantes e à entidade homenageada. Às vezes, acontece de ele não vir, mas sempre manda um recado pela entidade que está presente. É engraçado que quando essa entidade é simples, como um caboclo ou um preto velho, ela utiliza uns termos rebuscados que não conhece, como se estivessem lendo uma carta ou um bilhete escrito pelo nobre.

3- Quais as outras festas relevantes da casa?

As principais festas são: a de Dom Sebastião em janeiro, a festa do Caboclo da Mata no dia 19 de abril ou próximo à comemoração do Dia do Índio e a festa em homenagem a Dona Gira no dia 23 de agosto quando nós costumamos oferecer um coquetel, inclusive no ano passado, levamos um *barman* daqui de São Luís.

As festas menores são: dia 2 de fevereiro em homenagem a Iemanjá; dia 13 de maio, próximo á data da abolição da escravatura, para as pretas e pretos velhos quando há curas e benzimentos; dia 12 de junho em comemoração a Santo Antônio, também dia do aniversário do Babalorixá Antônio José; dia 23 de agosto para as diversas falanges do Sr. Tranca Rua como Exú, Zé Pilintra e Pomba Gira; dia 12 de outubro, data de Nossa Senhora Aparecida, ocorre a Festa das Crianças quando baixam João Soeira, Soeirinha, Nanã Buruquê e Luzanira.

Essas datas podem variar, pois geralmente preferimos realizar as festas em dias próximos a sexta-feira. Além destas, em algumas comemorações, o corpo presente da Tenda costuma se dirigir a outros terreiros próximos para determinadas festas.

4- Quais entidades costumam baixar na Tenda? As da família de Dom Sebastião costumam vir?

Na nossa Tenda, três entidades principais irradiam em todos os médiuns são eles: Dom Sebastião, Caboclo da Mata e a Pomba Gira. Além destas, costuma-se dar passagem ao Caboclo da Pena Branca, João de Una, Caboclo da Folha Seca e Exú da Meia Noite e vários outros.

E quanto à família de Dom Sebastião, não costumamos receber ninguém.

5- Quais são suas funções na casa? Como o Sr. administra seus afazeres no terreiro, que se localiza em Chapadinha, morando o Sr. em São Luís?

As minhas funções estão relacionadas à organização das grandes festas e também aos rituais e penitências que as antecedem. Antes da festa de Dom Sebastião, por exemplo, nós cumprimos uma penitência de todos dormirmos no chão.

Mesmo morando aqui em São Luís, eu viajo todo mês para Chapadinha e não passo mais de três meses sem ir lá. E sempre que vou, aproveito para visitar o maior numero possível de médiuns e amigos da casa, pois cada um deles tem uma história de vida e uma energia que juntos formam a história da Casa.

Além disso, toda terça feira, às oito horas da noite ocorre na Tenda alguns rituais de cura praticados pela Dona Gira e apesar de estar aqui em São Luís eu tenho um ponto de firmeza pro meu anjo da guarda sempre com uma vela acesa. Então todas as terças, sempre

nesse horário eu faço as minhas orações criando um elo de ligação espiritual com meus companheiros lá em Chapadinha.

6- A ornamentação da festa do dia 20 foi inspiração sua ou foi Dom Sebastião que determinou como ele gostaria?

É o Rei quem escolhe tudo. À cerca de um ano, o Dom Sebastião vem nos orientando o modo como ele gostaria que a festa acontecesse. Ele pediu tudo branco, pois quando ele fez o mapa astral do ano de 2012 disse que esse ano seria de meu pai Oxalá sendo um ano muito acolhedor, diferente de 2011 que não foi um ano muito bom para nós da casa. Ele inclusive preveu o desabamento que houve no Rio de Janeiro, falando que 2012 começaria com uma tragédia muito triste.

Além da cor, ele também pediu que Dona Júlia, esposa do Babalorixá Antônio José, fosse sua rainha e que eu fizesse a organização e apresentação da cerimônia. Nossa! Eu planejei falar tanta coisa sobre o Rei e, na hora, não disse metade do que tinha planejado, esqueci de tudo!

Dom Sebastião nos disse que nesse ano faria sua primeira materialização e que deveríamos convidar céus e terra, todos os poderes: executivo, legislativo e judiciário. A princípio o Sr Antônio José ficou com medo de convidar esse povo todo, mas eu disse pra ele que Dom Sebastião era um nobre e como tal não ia fazer feio perante seus súditos.

7- O Sr. Possui o dom da mediunidade? Que entidade recebe?

Segundo a Umbanda da linha branca, que é a linha que nós seguimos, existem 192 graus de mediunidade. Todos somos médiuns, porém uns mais desenvolvidos que outros. A minha mediunidade é baixa, eu não recebo, não escuto e não vejo nada. Apenas tenho alguns pressentimentos e sonhos que, às vezes, se realizam.

8- Quais os fatores o motivaram a abandonar o catolicismo e adentrar na Umbanda?

Sou umbandista a mais ou menos dez anos, e o que me motivou a isso foi a paz espiritual tão desejada que eu consegui nesta religião. Agora eu consigo me concentrar, estudar e de fato, viver tranquilamente.

9- Quantas pessoas participam ativamente da casa? Vocês têm algum auxílio de órgãos governamentais?

Dentre os participantes ativos da casa nós temos 62 médiuns que realizam atividades de caridade, ajuda, cura e conversa com as pessoas que precisam de conselho. O Sr. Antônio José, por exemplo, é psicólogo, médico, conselheiro, ou seja, chegou lá precisando é só pedir que ele ajuda.

Nós não recebemos nenhum auxílio do governo, nossos recursos vem dos doativos dos próprios integrantes da Tenda, temos um cofre de ofertas e cada um ajuda como e quanto pode. Mas já conversei com o meu pai Antônio José para fazermos um projeto pedindo o auxílio do Ministério da Cultura, pois às vezes, a verba sobra e a nossa casa precisa, pois presta muitos serviços a comunidade.

10- O Sr. se identificaria como devoto de Dom Sebastião? O que o levou a acreditar nos poderes do nobre?

Sim, sou um grande devoto do Rei. Passei a acreditar nele por causa das suas benfeitorias na História e na pratica, pois as pessoas que rogam a ele conseguem se curar. Dom Sebastião é um nobre e só se envolve em questões específicas como nos casos de curas de câncer, tuberculose e doenças de pele.

Tenho grande admiração pelo Rei devido a linguagem e nobreza que ele apresenta e pelo fato de tratar todas as pessoas muito bem. Sinto-me acolhido por ele, me dá muitos conselhos, como se fosse um pai. Além de promover grandes mudanças nas pessoas, é impressionante ver o antes, o durante e o depois das pessoas que chegam na Tenda, elas chegam com muitos problemas espirituais e saem renovadas.

11- Existe na Casa uma diferenciação entre São Sebastião e Dom Sebastião? Ou eles são sincretizados como sendo uma só entidade?

Muito pelo contrário, nós temos e fazemos questão de separar um do outro. O São Sebastião representa Oxossi e nossa cerimônia em sua homenagem ocorreu nove dias antes da festa do Rei. Oxossi é um orixá e não costuma baixar em ninguém, quem disser que recebeu um orixá está mentindo, pois orixá apenas se cultua.

12- Dom Sebastião é o mentor espiritual da Casa. Deste modo, porque o quarto dedicado a ele é o mais singelo?

Na verdade, estamos trabalhando no projeto do quarto do Rei, nossos recursos são conseguidos aos poucos. O quarto do Caboclo da Mata foi montado com a ajuda de uma amiga da Casa que é dona de uma construtora. O da Dona Gira, foi a mulher do Sr. Antônio José que financiou.

Em conversas com Dom Sebastião, ele nos disse que não se incomodava com o fato de seu ponto de firmeza estar posicionado numa pequena saleta, pois ele é um nobre e como tal, fica feliz com o ponto que tem, demonstrando grande humildade e nobreza.

13- Costuma haver rituais de cura na Tenda? A entidade de Dom Sebastião participa desses rituais?

Sim, geralmente temos rituais de cura todos os dias, mas essas cerimônias são de responsabilidade do Caboclo da Mata e da Dona Gira. Já o Dom Sebastião não costuma participar deles. Há cerca de dez anos o nobre costumava baixar nos rituais de cura, mas hoje, não participa mais. Geralmente os devotos pedem ajuda a ele por meio de oração.

3 CONCLUSÃO

Dado o exposto podemos perceber que o sebastianismo está inserido na cultura maranhense de tal modo que este, apesar de originalmente português, já passou a fazer parte da mesma. Dentre os fatores responsáveis por esse fenômeno podemos destacar a necessidade que a sociedade possui de ter esperanças de que o futuro será melhor que o presente, ainda mais quando o cotidiano desta é marcado por um contexto de grande pobreza e miséria, tendo na crença uma espécie de escapismo da dura realidade que lhes é imposta. Quadro este, freqüentemente observado na Ilha dos Lençóis que apresenta cerca de 400 habitantes muitos, vivendo em condições abaixo da linha da pobreza. O argumento de serem filhos do rei, discurso constantemente proferido pelos habitantes do lugar, pode ser visto como uma forma destas pessoas, muitos albinos, se sentirem valorizados perante as condições em que vivem, de acordo com Braga (2001):

O sonho de olhos abertos, o fantástico, realiza desse modo uma catarse coletiva, amaiando as tensões à medida que oferece a esperança ilusória de uma época que há de vir, de opulência e felicidade. A utopia se opõe ao real e serve para mascará-lo. A

utopia remete-nos para um projeto de lugar, a uma promessa de cumprimento de um pacto, de uma aliança; remete-nos a um paraíso, enfim, esse lugar fechado e protegido onde se vive sob o império do bem. (BRAGA, 2001, p.79).

Apesar da crença no Rei Sebastião apresentar esse papel de “catarse coletiva” não se pode reduzi-la apenas a isso. O sebastianismo possui grande relevância na cultura maranhense como podemos observar nas mais diversas manifestações da mesma. É louvável o sentimento de dedicação e integração que os membros das casas de culto afro e dos grupos de bumba-meu-boi demonstram ao se dedicarem a preservação das práticas relacionadas a homenagear o nobre. Nobreza esta, segundo eles, não apenas por seu título, mas por um conjunto de atitudes e bênçãos pelas quais o Rei seria responsável como observamos na entrevista com o Sr. Eduvaldo Fernandes.

De um modo geral, notamos que no sebastianismo os aspectos históricos estão imbricados no religioso e cultural de tal modo que se torna quase impossível definir um limite exato que separa essa linha tênue entre um e outro. Pois muito do que vimos sobre a vida do Rei Sebastião é observado nas práticas da cultura popular, é interessante que muitos dos participantes não conhecem a biografia oficial do nobre, mas apesar de seu pouco conhecimento, eles têm em sua mentalidade a crença em seu retorno.

4- REFERÊNCIAS

- BOXER. Charles. **O IMPÉRIO MARÍTIMO PORTUGUÊS**. 1415-1825. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- BRAGA. Pedro. **O TOURO ENCANTADO NA ILHA DOS LENÇÓIS: (o sebastianismo no Maranhão)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FERRETTI. Sergio F. **DOM SEBASTIÃO, O SANTO E O REI NA ENCANTARIA E NO FOLCLORE MARANHENSE**. Artigo apresentado no V IFNOPAP- Marajó, 2001.
- FERRETTI. Mundicarmo. **DESCEU NA GUMA**. São Luís: SIOGE, 1993. (Apresentado originalmente à USP como tese de doutorado em Antropologia).
- LIBERMAN, Maria. **O LEVANTE DO MARANHÃO “JUDEU CABEÇA DE MOTIM”:** **MANOEL BECKMAN**. São Paulo, 1983.
- MEGIANE, Ana Paula Torres. **O JOVEM REI ENCANTADO: Expectativa do Messianismo Régio em Portugal, Séculos XIII a XVI**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- PESSOA. Fernando; **MENSAGEM -Terceira Parte – O ENCOBERTO**.